

A cidade é nossa

por Emídio Paulino

22/1/46

PARA quem percorre a nossa cidade, Beira, com o objectivo de recrear a vista com belas paisagens ou por outros variadíssimos motivos, depara com situações anormais, para as quais é urgente encontrar solução.

Destas situações, saltam à vista dos cidadãos as lixeiras que originam maus cheiros, moscas e mosquitos de vários tamanhos e aspectos que portam nos seus organismos as armas mais eficazes que constituem uma ameaça à saúde pública.

Infelizmente, as lixeiras e charcos de água estagnada nas ruas e passeios já constituem «atracções turísticas» na cidade da Beira.

Se, por um lado, o fraco trabalho do Conselho Executivo, quer no aspecto da limpeza, quer no controlo e fiscalização de situações anormais são as principais causas, por outro lado, temos de reconhecer que a atitude incorrecta de alguns cidadãos contribui fortemente para a criação desses enormes focos de doenças. Infelizmente, é frequente assistir-

mos, à saída das casas, latas, e outros vasilhames a serem despejados desavergonhosamente e sem receio, no meio de passeios, ruas e em outros locais impróprios para o efeito.

São exemplos claros o Prédio Branco, no Maquinino, o descampado existente no Largo «3 de Fevereiro», o Prédio Associação dos Mulcumanos e o terreno baldio existente ao pé da quermesse da Ponta Gêa. Estes locais estão transformados em autênticas lixeiras.

Se, a atitude destes elementos da população é grave, pior ainda a sua renitência e recusa aberta em participar nas jornadas de limpeza que se organizam, nos bairros desta urbe.

Estes charcos formam-se muitas vezes através de águas sujas que são lançadas dos prédios (que o digam alguns transeuntes que «tomam banho» quando passam no passeio) fruto da limpeza dos mesmos e que não é escoada para locais próprios.

Igualmente, lavagem de utensílios domésticos em torneiras existentes nos jardins públicos transformou estes locais, que deveriam ser aprazíveis, em focos de mosquitos e de maus cheiros. Já não contando com as enormes quantidades de água perdida que é tão preciosa nestes momentos de carência.

Estes aspectos são visíveis aos olhos de qualquer cidadão e das estruturas políticas e administrativas da cidade, com toda a passividade.

Torna-se, pois, necessário que, no ano de responsabilização como este, a população exerça vigilância sobre os elementos que têm estes procedimentos incorrectos chamando-lhes a atenção e denunciando-os.

Perante estas situações, é urgente a participação activa das populações nas jornadas de limpeza, e maior dinamismo das estruturas do Conselho Executivo pois como é óbvio, A CIDADE É NOSSA.